

Ivânia Nunes Machado Rocha¹
Jailma dos Santos Pedreira Moreira²

RESUMO

Nesse artigo, discutimos se há uma divisão sexista no que tange à leitura e à literatura, exploramos as leituras realizadas por um grupo de mulheres da microrregião de Irecê — interior do Estado da Bahia, demonstrando os autores mais lidos; as lacunas em suas leituras, reiterando a importância da leitura na vida dessas sertanejas. Este texto é parte da pesquisa de mestrado intitulada *Páginas do sertão: leitura e imaginação no universo de sertanejas*, que teve como objetivo observar se donas de casa do sertão de Irecê leem, o que e como realizam essas leituras, levando em consideração os seus processos de subjetivação. Para tanto, a metodologia empregada foi a revisão da literatura e a pesquisa de campo. A base teórica empregada na dissertação está ancorada em teóricos como Guattari e Rolnik, Antonio Candido, Durval Muniz, Margareth Rago, com ênfase na construção de subjetividades, leitura e literatura, crítica cultural e feminismo.

Palavras-chave: Literatura. Leitura. Gênero.

ABSTRACT

In this article, we discuss if there's any sexist division regarding reading and literature, exploring readings done by a group of women from Irecê's region — interior of Bahia's State, demonstrating the most readed authors; the gaps in their readings, reaffirming the importance of reading on these country women's lives. This text belong to the master's research titled *Páginas do sertão: leitura e imaginação no universo de sertanejas*, which aimed to observe if housewives from Irecê read, what and how they perform these readings, taking into account their processes of subjectivation. Therefore, the methodology used was the literature revision and the field research. The theoretical basis employed in the dissertation is founded at theorists such as Guattari and Rolnik, Antonio Candido, Durval Muniz, Margareth Rago, with emphasis on construction of subjectivities, readings and literature, cultural analysis and feminism.

Keywords: Literature. Reading. Gender.

¹ Mestra em Crítica Cultural pela UNEB (Campus II). Endereço eletrônico: ivanianunes@hotmail.com.

² Doutora em Letras e Linguística pela UFBA; Professora adjunta da UNEB (Campus II). Endereço eletrônico: jailmapedreira@uol.com.br.

Introdução

Irecê é uma cidade de pequeno porte, situada a 480 km da capital baiana — Salvador. A sua localização é no Noroeste da Bahia — antiga Chapada Velha. No último censo, contava com cerca de 66.000 habitantes — população estimada para 2014 de 72.730 habitantes, de acordo com o IBGE (2013), nas zonas urbana e rural. A sua economia é baseada na agricultura de sequeiro e irrigada, no comércio e na prestação de serviços, funcionando como um centro regional para cerca de 20 cidades vizinhas que, juntas, somam mais de 400.000 pessoas.

Este texto contempla parte dos resultados de estudos realizados para a produção de dissertação de mestrado em Crítica Cultural, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) — já concluídos. Para a escrita da dissertação intitulada *Páginas do sertão: leitura e imaginação no universo de sertanejas* foi realizada pesquisa de campo (1º semestre de 2015), abrangendo aplicação de questionários e entrevista semiestruturada, além de revisão da literatura, com abordagem qualitativa. Para tanto, contamos com a colaboração de 17 mulheres moradoras da cidade de Irecê (sede e povoados) e de outros municípios da região.

Os resultados aqui apresentados contemplam a resposta à parte da problemática da pesquisa que, originalmente buscou saber se mulheres sertanejas e donas de casa leem, o que, quanto e como realizam essas leituras, considerando outros possíveis modos de ler. Para tanto, aplicamos questionários e realizamos entrevista semiestruturada com 17 colaboradoras. Observando a realidade gráfica, na qual há a predominância de textos escritos e imagéticos, nosso objetivo foi mostrar qual o lugar ocupado pelas sertanejas em relação a esse universo letrado, bem como as contribuições deste para essas mulheres e como as mesmas acessam, apropriam-se e rasuram tais textos, considerando uma subjetividade instituída para mulheres. No

presente artigo, pela sua natureza, nos limitaremos a demonstrar as obras e autores mais lidos por sertanejas de Irecê.

Evidentemente, as colaboradoras, apesar da maioria delas residir em Irecê, algumas também são de outras cidades que fazem parte do território de identidade e, embora a exposição para situar geograficamente as leitoras tenha se centrado na cidade polo regional, é importante ressaltar que as demais cidades também são importantes e que o foco em Irecê foi por conta desta cidade se tratar do centro regional.

Sertanejas leitoras: possibilidades e lacunas de leituras

Foram adotados pseudônimos para cada uma das 17 colaboradoras, a partir de personagens das obras literárias lidas por essas mulheres, a saber: Angélica, 32 anos; Ariel, 42; Camila, 52; Capitu, 31; Constance, 44; Creuza, 46; Dora, 46; Efka, 40; Farah, 64; Greta, 48; Iracema, 80; Madalena, 36; Marilu, 54; Moema, 63; Potira, 46; Susanna, 52; Tieta do Agreste, 35.

A sertaneja de Irecê, a exemplo do que vem acontecendo no restante do Brasil, é uma mulher que trabalha tanto dentro como fora de casa; muitas são chefes de família e as principais responsáveis pelo sustento da casa. São pessoas cuja identidade está forjada a partir das referências ruralistas, pois são mulheres que, muito embora na sua maioria residam e trabalhem na zona urbana, suas origens ainda são de avós, pais, tios e irmãos que viveram ou ainda vivem na roça.

Diante desse quadro da sertaneja que trabalha e que também cuida da casa, sendo considerada também dona de casa, buscou-se uma história dessas leitoras, uma vez que o processo histórico da configuração dos gêneros nos dá conta de mulheres que não tinham acesso à educação formal, que não tinham direito ao sufrágio

universal, que eram impedidas de ler, de ter acesso à informação escrita e de se manifestar, também.

Pesquisar sertanejas leitoras seria também uma forma de romper com estereótipos; de fugir do que se conhece convencionalmente como única imagem da sertaneja: aquela agricultora, ou moradora da roça ou de uma cidade do sertão, de educação rudimentar, “arretada” e pronta para os afazeres domésticos, como cuidar da prole e do lar; aliado à capacidade de cuidar da terra, do solo, das plantas, somente.

Uma sertaneja leitora poderia avançar social e politicamente em relação a uma não-leitora, por exemplo. Sabe-se que a leitura abre possibilidades e amplia os horizontes de quem lê. Pensar em alguém que não teve acesso ou possibilidade de ler, na atualidade, nos obriga a imaginar também de quem seria a responsabilidade por tal crime, de tão cruel que se nos apresenta. Assim, queremos pensar que as leituras desses sujeitos de pesquisa fizeram alguma diferença em suas vidas, de modo que algumas donas de casa, sertanejas e leitoras de Irecê, possam ajudar a contar uma outra história do sertão, que vá além das peculiaridades.

Obviamente, é necessário levar em consideração, por conta de uma cultura machista, o grande atraso na educação formal das mulheres que, durante muito tempo não tiveram acesso à escola e, conseqüentemente, permaneceram analfabetas por um período considerável, após os homens terem dominado as letras. No entanto, nos dias atuais, no Brasil, elas estão à frente deles no quesito anos de escolaridade (IBGE — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2013). Está claro para nós que esse avanço não aconteceu por acaso: as pessoas do gênero feminino devem ter buscado superar a antiga desvantagem, além de procurar a sua afirmação no mundo letrado.

Em um passado não muito distante, na época da minha avó e ainda na da minha mãe, por exemplo, muitas meninas eram impedidas de ir à escola, de serem alfabetizadas porque tal conhecimento lhes concederia poder de escrever para quem

lhes conviesse; e de ler o que bem entendesse. Os pais, irmãos e outros homens do círculo familiar temiam que as moças redigissem para possíveis namorados; ou que lessem textos que contivessem determinados conteúdos que eram considerados proibidos, principalmente os que tratavam de questões ligadas à sexualidade, amor, relacionamento, trabalho, independência, entre outros temas. Assim, a literatura, de modo geral, era proibida; e o gênero romance, especificamente, era tido como o principal vilão. É evidente que o proibido é o mais desejado, porque muitas mulheres desenvolveram um gosto especial pelos romances.

Nelly Richard (2002) aponta a existência de um movimento de escritoras, no sentido de garantir publicações de mulheres, mas ela adverte que não é só o fato de existir obras produzidas por pessoas do sexo feminino que garante uma escrita feminina. A seu ver, haveria uma série de características que poderiam qualificar o livro como uma escrita com marcas femininas; entretanto, qualquer pessoa poderia escrever a partir desse pressuposto, não tendo que ser necessariamente uma mulher. No entanto, isso não nos dá permissão de ser omissas, enquanto mulheres ou homens feministas, já que

[...] afirmar que a linguagem e a escrita são in-diferentes à diferença genérico-sexual (que não existe diferença entre o masculino e o feminino), equivale a reforçar o poder estabelecido, cujas técnicas consistem, precisamente, em levar a masculinidade hegemônica a se valer do neutro, do im-pessoal, para falar em nome do universal. O neutro da língua, sua aparente indiferença às diferenças camufla o operativo de ter universalizado, à força, as marcas do masculino, para convertê-lo, assim, em representante absoluto do gênero humano. A teoria feminista demonstrou a arbitrariedade deste operativo de força, executado em nome do masculino-universal, deixando muito claro que a língua não é o veículo neutral — transcendente — que afirma o idealismo metafísico, mas um suporte modulado pelo processo de hegemonização cultural da masculinidade dominante. A

linguagem, a escrita literária e as normas culturais, carregam as marcas deste operativo de violência sociomascuino, que subordina os textos a suas viciadas regras de universalidade. (RICHARD, 2002, p. 131).

É interessante salientar que a autora aponta para a necessidade de nos afirmarmos enquanto mulheres que escrevem, assinalando esse lugar; situando-nos quanto ao nosso lugar de fala, ocupando esse espaço. Desse modo, fica evidente que não devemos nos furtar de marcar as nossas escritas a partir de uma visão marcadamente feminista, pois não existe neutralidade. Seria, no mínimo, incoerente, ou até mesmo paradoxal, uma mulher (ou qualquer pessoa) ter a pretensão de escrever de forma neutra, sem considerar as questões de gênero. Por outro lado,

Esta necessidade de um sistema de propriedade-identidade do feminino (um feminino que se converte, frequentemente, no reduto separatista de uma identidade a defender, mediante um contra-sistema de valores e significações completamente à parte) parece acreditar na necessidade de um saber independente; um saber que se trama em uma dimensão paralela e alternativa à da cultura dos homens, sem se dar conta de que priva, assim, o feminino de uma comunicação *plural e dialógica* com as múltiplas redes da cultura, nas quais se inscrevem os signos “homem” e “mulher”. O masculino e o feminino são forças relacionais que interagem como partes de um sistema de identidade e de poder, que as conjuga tensionalmente. (RICHARD, 2002, p. 131-32).

O que se pode depreender é que ao mesmo tempo em que não devemos calar as vozes femininas dos livros/textos; também não é mais possível ignorar as outras tantas vozes que se cruzam e se entrelaçam para formar a tecitura de produções de todos os tipos; em quaisquer gêneros e portadores nos quais se manifestem. No tocante às mulheres sertanejas participantes desse estudo, é possível depreender de suas falas que elas estão abertas a várias manifestações literárias e, inclusive, não leem

muitas obras escritas por mulheres, negros e mulheres negras porque não têm acesso a estas, mas afirmaram que desejam e têm curiosidade em saber o que outras pessoas, negros, mulheres sertanejas, negras, baianas, brasileiras; enfim, o que diferentes autoras e autores poderiam acrescentar a suas vidas, suas reflexões e seus saberes através dos livros/textos. Assim,

Mais do que da escrita feminina, conviria, então, falar — qualquer que seja o gênero sexual da pessoa que assina o texto — de uma *feminização* da escrita: feminização que se produz a cada vez que uma poética, ou uma erótica do signo, extravasa o marco da retenção/contenção da significação masculina com seus excedentes rebeldes (corpo, libido, gozo, heterogeneidade, multiplicidade), para desregular a tese do discurso majoritário. Qualquer literatura que se pratique como dissidência da identidade, a respeito do formato regulamentar da cultura masculino-paterna, assim como qualquer escrita que se faça cúmplice da ritmicidade transgressora do feminino-pulsátil, levaria o coeficiente minoritário e subversivo (contradominante) do “feminino”. Qualquer escrita, pronta para alterar as pautas da discursividade masculina/hegemônica, compartilharia o “devir-minoritário” (Deleuze-Guattari) de um feminino que opera como paradigma de desterritorialização dos regimes de poder e captura da identidade, normatizada e centralizada pela cultura oficial. (RICHARD, 2002, p. 133).

Se a escrita necessariamente não possui gênero, em termos, já que existem as afirmações e exacerbações masculinas e femininas, a leitura/literatura poderia também seguir a mesma linha: as produções seriam somente tecituras que pudessem expressar as poéticas de todos os seres humanos, destinadas também a todos, de modo genérico. Pode-se observar que existem inúmeros textos/livros que seguem essa linha. No entanto, é possível notar também as publicações específicas voltadas para crianças, jovens, homens, mulheres, homossexuais e negros, dentre outras categorias de pessoas. E estas publicações específicas não podem ser ignoradas, pois a literatura negra, dos

Cadernos Negros, por exemplo, feita principalmente para negros, tem um objetivo. Já uma literatura tradicionalmente destinada a mulheres poderia ter outros propósitos. A primeira, pensando em termos de subjetivação, propõe uma politização das subjetividades instituídas para os negros, construindo argumentos para afirmar uma outra história negra, a autoestima deste povo etc. A segunda, muitas vezes, reforça uma identidade construída para mulheres que anula seu potencial político mais amplo. A respeito da produção voltada para negros, há claramente um sentido de afirmação: “Escrever é reescrever. A literatura negra tem um tecido próprio, apresenta a nossa subjetividade, fala também de um sujeito construído no coletivo, resgata os valores da negritude brasileira, da sua própria cultura, dos meios de criação e reflexão sobre a experiência negra”. (SOBRAL, 2013).

Quanto a escritos voltados para mulheres, existem tanto aqueles que poderiam estimular a reprodução dos estereótipos, preconceitos e discriminação contra as mulheres, como os que claramente buscam combater essas mesmas questões:

Assenhorando-se da “pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra* que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. (EVARISTO, 2005, p.54).

Diante dessa realidade, observamos que as mulheres sertanejas e donas-de-casa, colaboradoras da pesquisa intitulada *Páginas do sertão: leitura e imaginação no universo de sertanejas* leem aquilo que seria destinado para mulheres, apropriando-se e rasurando esses textos, mas também fazem muitas outras leituras. Além disso, diante do fato de nenhuma delas possuir nível superior, não há restrições quanto a conteúdo e

profundidade dos temas: algumas delas realizaram leituras consideradas densas, difíceis, como *Os sertões*, por exemplo. Ademais, elas leem tudo aquilo que chega a suas mãos: a mesma leitora, por exemplo, que lê com avidez literatura cor-de-rosa, é a mesma que lê Conceição Evaristo, Carolina de Jesus ou Isabel Allende, embora a literatura canônica tenha sido a mais citada pela maioria delas, o que pode ser um dos motivos que podem justificar o seu gosto pela literatura que envolva a temática do sertão e seus moradores.

O que as sertanejas leem

Ariel citou como um dos livros que a marcou o romance cor-de-rosa *Mulher comprada*, mas na verdade, pela descrição que fez da obra, acredito que ela confundiu os títulos e, na verdade queria referir-se ao livro *Esposa comprada*, já que este corresponde ao que é mencionado pela leitora. O fato é que ambas as obras são similares, como apontam os seus respectivos títulos. Quando questionada sobre os motivos que a fizeram lembrar dessa obra, especificamente, a colaboradora afirma que “(...) é uma história que me marcou — li umas dez vezes. A mocinha se sacrifica pelo irmão. E gostei da parte do romance também, que é muito boa”. (Quest. 02).

Quando questionada sobre a existência de algum título que considera especial, Susanna (quest. 16), citou dois:

A culpa é das estrelas — é a obra mais ambiciosa e emocionante, fala sobre a alegria e a tragédia que é viver e amar. (A gente ri, chora e ainda quer mais); *Extraordinário* — história de uma criança que, ciente de sua estranheza e de seu destaque no mundo, ele cria um manifesto em favor da gentileza. É uma história edificante, repleta de amor e esperança, em que um grupo de pessoas luta para espalhar compaixão, aceitação e gentileza.

Os romances mencionados por Susanna são obras contemporâneas, de autores vivos e que estão tendo uma aceitação muito grande junto ao público leitor, levando-se em consideração o número de exemplares vendidos e a repercussão causada por alguns desses livros, como *A culpa é das estrelas*, que foi adaptado para o cinema, recentemente.

Susanna tem um hábito interessante a respeito de suas leituras: sempre que faz a leitura de uma obra, ela registra em sua agenda. Assim, ela gentilmente disponibilizou as suas listas de livros lidos desde 2009 até 2014. Na figura 1, podemos perceber as leituras que ela realizou no ano de 2014: especificamente nessa lista da figura 1, pode-se perceber o ecletismo das leituras realizadas por Susanna: a lista começa por um livro de crônicas — *A graça da coisa*, da gaúcha Martha Medeiros — autora contemporânea que inicialmente escrevia para o jornal *O globo* e posteriormente passou a publicar coletâneas de crônicas em livros de grande sucesso nacional; em seguida, de cima para baixo, observamos vários títulos espíritas (*Só o amor consegue*; *O ateu*); passando por alguns *best sellers* da atualidade (*A culpa é das estrelas*; *O extraordinário*); depois a colaboradora faz uma visita à literatura de autoajuda (*Foco*; *Felicidade roubada*) e se aventura pelo divertido livro de Jô Soares — *O homem que matou Getúlio Vargas* — no qual o autor reconta, de forma criativa e bem-humorada alguns fatos históricos; e finaliza com outros *best sellers* atuais — *Garota, interrompida*; e *Cidades de papel*. Pelo registro, a colaboradora leu 21 livros em 2014, o que equivale a quase 2 livros por mês — é uma leitora muito acima da média nacional, seguindo o padrão de várias das sertanejas que colaboraram nesse estudo.

Percebe-se uma paixão em suas descrições — seus olhos brilham quando se refere a seus livros preferidos: *A culpa é das estrelas* e *Extraordinário*, ambos lidos em 2014. Além de anotar os títulos das obras, Susanna também às vezes escreve as suas impressões e conclusões sobre os textos/livros lidos. É uma estratégia interessante de memorização e registro dos assuntos os quais a marcaram, de alguma forma.

Iracema possui um pequeno acervo em sua casa, a partir do qual é possível comprovar a gama de obras e temas pelas quais ela passeia. Podemos inferir que ela e as outras sertanejas leem o que lhes chega às mãos — elas têm suas preferências, mas não esmorecem diante de um livro. Algumas lacunas em suas leituras podem ter sido ocasionadas pela inacessibilidade a algumas obras, tais como de escritoras negras, baianas.

Percebe-se que as muitas das colaboradoras são adeptas à leitura da literatura cor-de-rosa, pelos exemplos explorados anteriormente. Porém, o repertório de obras e gêneros textuais é muito mais amplo do que se poderia imaginar: há alguém que gosta muito de biografias; os *best sellers* estão em alta; a literatura clássica é muito requisitada e a literatura de cunho religioso é a mais lida entre as mulheres entrevistadas. Quanto aos autores mais lidos, demonstramos no quadro 1.

Quadro 1
Os dez autores mais lidos (em volumes)

ORDEM	AUTOR(A)	Nº
1º	Jorge Amado	58
2º	Machado de Assis	41
3º	José de Alencar	32
4º	Sidney Sheldon	21
5º	Aluísio Azevedo	15
6º	Rachel de Queiroz	14
7º	Joaquim Manuel de Macedo	13
	Zíbia Gasparetto	13
8º	Graciliano Ramos	12
9º	Guimarães Rosa	11
10º	José Lins do Rego	08

Fonte: Dados da pesquisa de campo/quadro elaborado pela autora.

Os autores mais lidos não correspondem, majoritariamente, às obras que elas mais leram. Há poucas mulheres entre os autores mais lidos — apenas duas: uma canonizada e outra contemporânea que pode ser considerada emergente.

Jorge Amado, como demonstrado no quadro 1, foi o autor que teve mais títulos lidos pelas colaboradoras. Ele está classificado em primeiro lugar entre os mais lidos, com o número de 58 livros lidos entre as 17 leitoras sertanejas. Ele é também o autor preferido da maioria delas, ao lado de Zíbia Gasparetto.

Sobre a sua preferência pelo escritor baiano, algumas dessas mulheres justificam, quando perguntei qual autor ou autora gosta mais:

a) Tieta do Agreste (quest. 17) — “Jorge Amado. Porque acho bonito o que ele escrevia. Gosto do jeito fácil dele escrever, de fácil compreensão”;

b) Moema (quest. 14) — “Jorge Amado. Eu admiro-o por causa do seu jeito de escrever; pela sua simplicidade; pelo seu amor pela Bahia”;

c) Marilu (quest. 12) — “J. J. Benitez e Jorge Amado porque (este) exalta e enobrece a Bahia. Gosto muito dele”;

d) Efka (quest. 07) — “Jorge Amado. Porque ele escreve a realidade; é baiano. Gosto do jeito que ele escreve: de um jeito que todo mundo pode ler e entender”;

e) Dora (quest. 06) — “Jorge Amado. Porque as histórias são muito parecidas com a realidade; gosto do jeito dele narrar as histórias”.

Como foi descrito anteriormente, Jorge Amado é considerado o autor preferido dessas sertanejas leitoras, entretanto, uma das colaboradoras, quando questionada sobre sua preferência por um autor/autora, em vez de dizer quem ela gostava, citou quem ela *não* gostava e, curiosamente, esse autor foi justamente Jorge

Amado: “Eu não gosto de Jorge Amado: os livros são muito grandes, repetitivos. Gosto mais de *Sabrina*, *Julia* etc.; literatura de cordel e livros infantis. Gosto de coisas leves, alegres. Não lembro o nome dos autores” (Creuza, quest. 05).

Um aspecto óbvio quanto à leitura romanesca das colaboradoras, é que as obras mais lidas fazem parte do cânone e os autores, em sua maioria do sexo masculino, são amplamente conhecidos do grande público e, via de regra, a sua leitura foi exigida, em algum momento, pela escola. Por um lado, é um aspecto positivo a escola ser uma das principais incentivadoras para a formação de leitores (pelos seus relatos, a maioria das mulheres em questão tiveram o seu interesse pela leitura despertado pela escola); por outro lado, a escola ainda é o lugar de reprodução de costumes arraigados no seio da sociedade, o que se reflete nas obras lidas, que são tradicionais e restritas a um determinado grupo de escritores. Lima Barreto, por exemplo, não está entre os mais lidos, nem Adolfo Caminha; autores contemporâneos, mulheres e negros também praticamente não aparecem nos relatos.

Quadro 2

Os livros mais lidos pelas colaboradoras (em volumes)

ORDEM	TÍTULO	QUANT.	%
1º lugar	Dom Casmurro	12	70,59
	O cortiço	12	70,59
2º lugar	A moreninha	11	64,70
3º lugar	Grande sertão: veredas	10	58,82
	Iracema	10	58,82
4º lugar	Gabriela, cravo e canela	09	52,94
	Memorial de Maria Moura	09	52,94
	Memórias póstumas de Brás Cubas	09	52,94
5º lugar	Capitães da areia	08	47,05
	Helena	08	47,05
	Mar morto	08	47,05
	Vidas secas	08	47,05
6º lugar	Cinquenta tons de cinza	07	41,18

7º lugar	Menino de engenho	06	35,29
	Se houver amanhã	06	35,29
	Tenda dos milagres	06	35,29
8º lugar	A cabana	05	29,41
	Cem anos de solidão	05	29,41
	O guarani	05	29,41
	O quinze	05	29,41
	Pollyanna	05	29,41
	Tieta do Agreste	05	29,41
9º lugar	A morte e a morte de Quincas Berro D'água	04	23,53
	Jubiabá	04	23,53
	Lucíola	04	23,53
	Macunaíma	04	23,53
	O menino do pijama listrado	04	23,53
	São Bernardo	04	23,53
	Senhora	04	23,53
	Série Harry Potter	04	23,53
	Terras do sem fim	04	23,53
	Viva o povo brasileiro	04	23,53

Fonte: Dados da pesquisa de campo/quadro elaborado pela autora.

Pode-se observar, pelos quadros 1 e 2 que, embora o autor mais lido tenha sido o baiano Jorge Amado, em número de obras em seus diversos títulos publicados, os títulos mais lidos pelas colaboradoras foram *Dom Casmurro*, de Machado de Assis e *O cortiço*, de Aluísio Azevedo — empatados em primeiro lugar. Há uma correspondência entre autor e obra mais lida no caso machadiano, já que o escritor aparece como o segundo mais lido; já Aluísio Azevedo, aparece como o quinto colocado, mas tal fato é compreensível, já que este escreveu menos títulos que aquele.

É importante frisar que muitas colaboradoras leem literatura cor-de-rosa. Entretanto, como há um grande número de autoras e de títulos, estes amiúde semelhantes entre si, elas afirmaram que já leram e/ou ainda leem bastante obras desse

gênero, mas a maioria delas não consegue recordar os títulos ou até mesmo o nome de quem escreveu. Em se tratando desse tipo de literatura, a maioria dos autores são mulheres e, via de regra, estrangeiras (concentram-se em inglesas, americanas, australianas e canadenses), cujos nomes não são familiares nem de fácil pronúncia, o que pode ser a causa do esquecimento entre as mulheres investigadas. Outro fator que pode ter provocado a amnésia coletiva e seletiva, é a produção profícua desses romances, que têm inúmeras obras publicadas todos os meses, gerando um emaranhado de títulos. Um terceiro fator, e não menos importante que os dois anteriores, é que a leitura dessas obras não é ou foi exigida na escola, nem seus autores foram exaustivamente analisados. Enfim, são livros que estão fora do cânone e, portanto, a eles não é dada a devida importância.

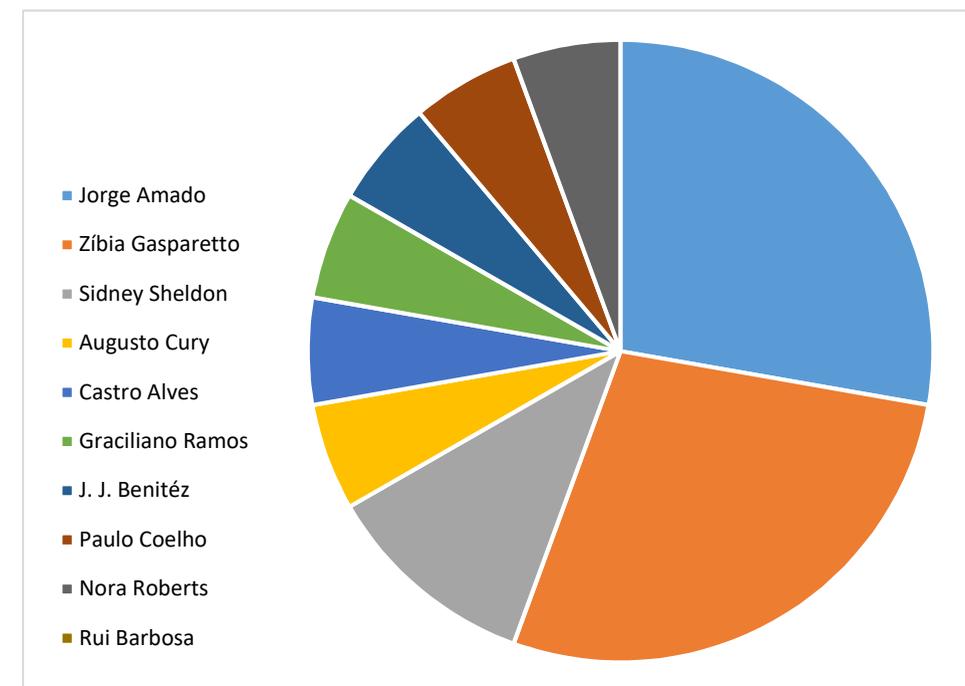
A ocupação do 4º lugar por Sidney Sheldon é uma novidade. Ele está entre os autores de *best sellers* que tiveram o seu auge na década de 80, produzindo uma literatura diferente e estimulante, por conta de suas heroínas corajosas, modernas e liberadas; nas obras dele, as mulheres são as personagens principais e normalmente são as detentoras do poder, ao contrário do que acontece na literatura tradicional. Pode-se afirmar que neste caso há uma feminização da escrita, pois há, claramente, a intenção de atingir o público feminino, através da imagem de mulheres fortes e independentes, que são ativas e críticas — epítome do que muita mulher gostaria de ser, o que pode justificar o seu sucesso.

Zíbia Gasparetto está no 7º lugar na preferência das leitoras (Espírito Lucius), com mais de 40 títulos publicados desde 1958 até os dias atuais é uma autora conhecida no Brasil por sua literatura espiritualista. Tive a oportunidade de ler alguns de seus títulos e, com base na minha experiência, posso afirmar que seus romances são obras bem escritas, com tramas envolventes e personagens bem definidos e, junte-se a isso o desvendamento da vida após a morte do corpo físico (crença de religiões

espiritualistas) e uma grande dose de criatividade e temos uma receita para o sucesso de uma obra literária.

Zíbia Gasparetto, além de aparecer entre os mais lidos, está em primeiro lugar entre os autores preferidos das colaboradoras, ao lado de Jorge Amado, como é possível visualizar no gráfico:

Gráfico
Autores (as) preferidos (as)



Fonte: Dados de pesquisa de campo/Gráfico elaborado pela autora

O gráfico traz a demonstração dos autores preferidos das colaboradoras. As duas áreas maiores, em azul claro e mostarda, trazem os dois primeiros colocados: Jorge Amado e Zíbia Gasparetto, empatados em primeiro lugar de preferência, com 5 menções cada um. Em 2º lugar vem Sidney Sheldon, com duas menções e o restante dos escritores têm uma menção cada. Uma das mulheres afirmou ter dois escritores preferidos; por isso, o total dá 18, em vez de 17 (como temos interesse em mencionar todos os fatos e respeitar as opiniões, mantivemos exatamente do jeito que nos informaram).

Augusto Cury, Castro Alves e Graciliano Ramos estão entre os mais queridos das leitoras, entretanto não estão entre os mais lidos. Assim, concluímos que nem sempre as colaboradoras fizeram leituras que eram de sua total preferência. A presença de títulos voltados para a autoajuda não nos surpreende, devido à popularidade de tais obras; já a poesia, que vive sufocada pela praticidade do mundo moderno, causou surpresa com a leitora apaixonada pelo poeta baiano e sua obra. Por sua vez, o escritor alagoano e um dos inventores do Nordeste, segundo ALBUQUERQUE Jr, (2011) surge, não por acaso, por conta da identificação das sertanejas com as personagens do referido autor, em suas obras que envolvem a temática do sertão.

Quanto às obras mais lidas, pode-se observar que *A moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo aparece em 2º lugar, já que foi lido por 11 das 17 mulheres que fazem parte desse estudo; atrás somente de *Dom Casmurro* e *O cortiço* que foram lidos por 12 colaboradoras; empatados em 3º lugar estão *Grande sertão: veredas* e *Iracema* — cada um foi lido por 9 mulheres. É necessário mencionar que dos 32 títulos mais lidos, 10 foram escritos por Jorge Amado, quase um terço desse total.

Os demais títulos classificados entre os 32 mais lidos, são obras de escritores canônicos masculinos, variando entre Machado de Assis (3 títulos), José de Alencar

(4), Graciliano Ramos (2) e Guimarães Rosa, José Lins do Rego e João Ubaldo Ribeiro (1 título, cada). As exceções ficam por conta de *Memorial de Maria Moura* — de Rachel de Queiroz, que está no 4º lugar, lido por 9 mulheres; a trilogia *Cinquenta tons de cinza* — da autora britânica Erika Leonard James, em 6º lugar, lido por 7 sertanejas; *Se houver amanhã*, (lido por 6) do roteirista e escritor norte-americano Sidney Sheldon, que publicou 18 obras e todas ficaram entre as mais vendidas, na lista do *The New York Times*; *A cabana* (lido por 5), do canadense William P. Young, situado entre as obras consideradas de autoajuda, já que traz como assunto “mudança de vida”, como está denominado em sua ficha técnica; *Cem anos de solidão* (lido por 5), do colombiano Gabriel García Márquez, já que é incomum a leitura de escritores da América Latina, mesmo os mais conhecidos; *O quinze* (lido por 5), de Rachel de Queiroz — única escritora brasileira presente entre os mais lidos; o dueto *Pollyanna* (5 leitoras), da americana Eleanor H. Porter — narrativa em primeira pessoa de uma criança e depois de uma jovem órfã que vai morar com uma tia desconhecida.

Além das exceções mencionadas, pode-se afirmar que os *best sellers* O menino do pijama listrado e a Série *Harry Potter*, de John Boyne e J. K. Rowling, respectivamente também fogem à regra dos autores brasileiros canônicos do sexo masculino. O irlandês e a inglesa conseguiram seduzir o público e, da minha parte, a crítica, porque li toda a série *Harry Potter* e considero-a muito bem escrita, divertida, mágica e séria, ao mesmo tempo; sem contar que não há maniqueísmo e que a trama vai ficando mais complexa a cada volume lançado. *O Menino do pijama listrado* também é um bom livro, apesar de ser muito triste. De todos os modos, não é possível ignorar um texto/livro quando seus leitores se contam aos milhões: obviamente, há alguma coisa nesses escritos que foi capaz de mexer com a sensibilidade de muita gente, com a sua imaginação, sua fantasia, seus sonhos. Enfim, em um tempo onde as amizades são virtuais e a imagem está ocupando um espaço privilegiado nos meios de comunicação; numa época em que os audiovisuais estão cada vez mais acessíveis e

quando as redes sociais se tornaram uma febre mundial, a leitura em livros/textos de papel pode ser considerada um luxo; e ser leitor é um privilégio e, respeitando todos os outros possíveis modos de ler, a leitura em papel proporciona um prazer inigualável, possibilitando a abertura de outros universos.

Algumas considerações

Pelo exposto, pode-se afirmar que as colaboradoras leem — e muito: passeiam pelo universo da literatura brasileira, da literatura universal; navegam em meio a clássicos e emergentes; viajam através de obras consideradas canônicas e não canônicas; desenvolvem andanças pelos mais variados gêneros e temáticas, explorando obras tidas como difíceis ou “água com açúcar” — e fazem isso muito bem — desde um *Grande sertão: veredas* ou *Os sertões* até títulos da literatura cor-de-rosa ou autoajuda, passando por *best sellers* antigos e atuais, tendendo para títulos que tratem da temática que envolva o sertão/sertanejos, demonstrando uma identificação com tais temas.

Para as questões de pesquisa sobre a possibilidade de mulheres sertanejas, donas de casa, sem nível superior realizarem leituras; se têm tempo para isso; como e quando fazem essas leituras; se a leitura teve algum grau de interferência na construção de suas subjetividades, pode-se afirmar que sim, para todas as perguntas anteriores: foi muito fácil encontrar um número significativo de sertanejas com o perfil desejado. Em verdade, através de enquete nas redes sociais e aplicativos, encontramos um número bastante grande de leitoras com o perfil desejado — mais de 30. Porém, para este estudo, aplicamos questionário com 17 mulheres.

Todas as colaboradoras realizam leituras literárias; todas consideram a leitura como algo de muita importância em suas vidas. Podemos afirmar, com segurança, que o hábito de ler constitui-se como estratégia de sobrevivência para algumas delas. Essas

sertanejas leem por prazer, para se distrair, para obter conhecimentos e também para se afastar um pouco da realidade: o sonho faz parte da vida dessas donas de casa — e acreditamos na potência deste para a transformação da realidade.

As mulheres donas de casa que colaboraram nesta pesquisa são leitoras ecléticas: leem biografias, poemas, receitas culinárias, bulas de remédio e sim — leem muita literatura; muito romance. As suas leituras literárias perpassam desde literatura cor-de-rosa até os clássicos nacionais e universais, *best sellers*, autoajuda, religiosos.

A análise das leituras das colaboradoras permitiu a quebra de alguns preconceitos em relação à mulher sertaneja e dona de casa de Irecê, já que existe um grupo que lê bastante, que troca livros entre si, que cria estratégias de leitura, envolvendo a organização do tempo e os modos de ler e de adquirir as obras literárias, bem como se reconstrói a partir de suas leituras.

Houve vários momentos de aprendizagem no desenrolar da pesquisa, como o reconhecimento de grandes leitoras que, muitas vezes, desenvolveram leituras que a pesquisadora ainda não fez (como *Memorial de Maria Moura*) e em uma quantidade também muito significativa, englobando uma variedade imensa de autores e títulos. Entretanto, constatamos lacunas no portfólio de leituras das colaboradoras, como obras de mais mulheres, de negras, de escritoras baianas, de mais autoras contemporâneas nacionais, o que acreditamos que seja pela inacessibilidade a tais livros, já que algumas quebras se fizeram presentes, na figura de Conceição Evaristo e Carolina de Jesus, por exemplo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**; prefácio de Margareth Rago. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. *In*: BARROS, Nadilza Martins de; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia, 2005, v. 1, p. 201-212.

IBGE. **Censo 2013**. Disponível em: <http://cod.ibge.gov.br/23392>. Acesso em: 16 de maio de 2015.

RICHARD, Nelly. **Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política**; tradução de Romulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOBRAL, Cristiane. Cultura Afro-brasileira. **Programa Iluminuras** (29/03/2013). mp4. Entrevista. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QGgFLcVnc3E>. Acesso em: 20/12/2015.

COMO CITAR ESTE ARTIGO:

ROCHA, Ivânia Nunes Machado. MOREIRA, Jailma dos Santos Pedreira. Leituras de sertanejas de Irecê/BA. **Revista Fórum Identidades**. Itabaiana: Gepiadde, v. 20, jan./abr., p. 245-266, 2016.

Recebido: 05.10.2016 – **Aprovado:** 15.11.2016